

# Maneirismo e Barroco

João Pedro Ricaldes dos Santos – História da Arte 2011

**O Maneirismo (segunda metade do século XVI) e o Barroco (século XVII e primeira metade do XVIII) foram duas expressões de reação ao Renascimento. Ambos rejeitam a simetria rigorosa da arte renascentista e o equilíbrio expressivo dos seus personagens. Também se distanciam da exatidão anatômica para privilegiar a tensão promovida pela atmosfera mental das cenas.**

O Maneirismo engloba uma série de abordagens que emergiram de dentro da Alta Renascença em 1520 na Itália e se difundiu pela Europa até a primeira metade do século XVII. Caracteriza-se por uma deliberada reação aos padrões renascentistas. As figuras se tornam mais alongadas, os corpos se distanciam dos modelos anatômicos e a composição perde a rigidez e o equilíbrio simétrico típico das obras-primas da fase madura de Rafael e Michelangelo.

Alguns historiadores o consideram uma transição entre o renascimento e o barroco, enquanto outros preferem vê-lo como um estilo propriamente dito. O termo tem inicialmente um forte apelo pejorativo, aplicado àqueles pintores que teriam abandonado a boa regra renascentista e que teriam trilhado um caminho muito afetado e individual, à sua maneira e não à maneira “correta”, clássica. No entanto, podemos observar na obra de Michelangelo, em sua última fase, uma clara tendência ao que seria mais tarde chamado de maneirismo. Basta averiguarmos os corpos alongados e nada anatômicos, não naturais, no *Juízo Final*, retratado na parede da Capela Sistina.

Em fins do século XVI o maneirismo revela-se ainda mais anti-clássico, apresentando composições mais desequilibradas e um efeito de luz artificial, como se tratasse de uma montagem teatral. Este tratamento da luz desembocaria na criação do claro-escuro de Caravaggio, grande expoente do Barroco do século XVII. A Última Ceia, de Tintoretto, dá uma boa ideia destas inovações plásticas. A luz se detém sobre objetos e figuras, produzindo sombras antes inaceitáveis. Os verdadeiros protagonistas do quadro já não se posicionam no centro da perspectiva, mas

em algum ponto da arquitetura, onde o olho atento deve, não sem certa dificuldade, encontrá-lo. No entanto, a integração do conjunto é perfeita.

É na obra de El Greco que se percebe o grau mais avançado do maneirismo e por isto mesmo mais distante do Renascimento. Seus corpos apresentam-se disformes e as cores e figuras se encontram deliberadamente distorcidas. O ambiente cultural de Toledo, em que se apresenta um misticismo profundo, contribui para as experiências únicas de El Greco. Espaço e forma se encontram fundidos, as suas nuvens se assemelham a algo concreto e os seus anjos mais parecem seres esfumados. El Greco é por muitos considerados um precursor da arte moderna.

Uma das fontes principais de inspiração do maneirismo é o espírito religioso conturbado da Europa nesse momento. Não só a Igreja, mas toda a Europa estava dividida após a Reforma de Lutero. Carlos V, da França, depois de derrotar as tropas do sumo pontífice, saqueia e destrói Roma. Reinam a desolação e a incerteza. Os grandes impérios começam a se formar, e o homem já não é a principal e única medida do universo. Pintores, arquitetos e escultores são impelidos a deixar Roma com destino a outras cidades.

## 2. Barroco

Barroco (palavra cujo significado pode ser pérola irregular) é o período da arte que vai de 1600 a 1780 e se caracteriza pela monumentalidade das dimensões, exagero das formas e excesso de ornamentação. É um estilo marcado pela dramaticidade e explosão dos sentimentos.

Um dos traços fundamentais deste vasto período é que durante seu apogeu as artes plásticas conseguiram uma integração total.

A pintura barroca procura se afastar das composições simétricas e geométricas do Renascimento, em favor da expressividade e do movimento.

Já não identificamos claramente o traçado completo das linhas e dos contornos, que passam a se apresentar esfumados em rápidas pinceladas. O espaço é criado pelo contraste extremo do claro-escuro. Há uma nítida opção pelo drama, pelas cores exuberantes que realçam as áreas fortemente iluminadas em oposição a objetos, cenários e personagens que emergem da mais profunda escuridão.

Há historiadores da arte que costumam apontar uma curiosa diferença entre a execução barroca e a do renascimento. Neste último, a ação principal ainda não aconteceu, apenas aparece insinuada em um ato imediatamente anterior ao seu desfecho. No Barroco, a ação principal é nada menos do que o ponto de maior comoção, o ápice do drama. O Davi de Michelangelo, em sua estatura colossal, apenas concentra seu olhar titânico sobre o inimigo. Em Bernini, principal escultor barroco, seu Davi é capturado no momento em que atira a pedra em Golias.

Os traços do Barroco se desenvolvem em um contexto político e religioso muito peculiar. Nascido em Roma a partir das formas do Cinquecento renascentista, logo se diversificou em vários estilos paralelos, à medida que cada país europeu o adaptava à sua própria cultura. O Concílio de Trento (1545-1563) dedicou uma muito breve menção à função da arte no contexto da Contra-Reforma, o que acabou sendo interpretada e utilizada como forte repreensão à falta de decoro na arte renascentista e maneirista, orientado

pintores e escultores a usar suas habilidades para retratar temas bíblicos de forma clara e comovente.

De fato, o Barroco foi instrumento de propaganda não apenas da Contra-Reforma, mas também dos regimes absolutistas. Sua missão deveria ser a transmissão de uma imagem de poder e grandiosidade através de uma estética vigorosa e sobrecarregada. É interessante notar que neste contexto a pintura religiosa, a pintura histórica e o retrato continuaram tendo o maior status na hierarquia das modalidades de pintura. A natureza-morta e a pintura de paisagem também foram valorizadas no mundo católico, mas no protestante figuraram como setor principal, devido à visão luterana do pecado da idolatria.

A expansão do protestantismo se concentra no norte, centro e leste da Europa. Os príncipes alemães adotam o luteranismo, enquanto seus camponeses buscam no protestantismo uma purificação das práticas cristãs e uma alternativa aos demandados das autoridades católicas. Parte da burguesia europeia, em pleno capitalismo comercial, adota o calvinismo, doutrina que santifica o lucro. No sul e Oeste da Europa o catolicismo permaneceu hegemônico, tendo a Itália, Espanha e Portugal como esteios da tradição católica.

Os principais pintores barrocos foram Caravaggio (1571-1610) e Carracci (1560-1609) na Itália; Peter Paul Rubens (1577-1640) e Jan Brueghel (1568-1625) em Flandres; Rembrandt (1606-1669) e Vermeer (1632-1675) na Holanda; Claude Lorrain (1600-1682) e Nicolas Poussin (1594-1665) na França; José de Ribera (1591 - 1652), Francisco Zurbarán (1598 - 1664), Diego Velázquez (1599 - 1660) e Bartolomé Esteban Murillo (1617 - 1682) na Espanha